



DOI: <https://doi.org/10.20396/conex.v20i00.8671772>

Artigo Original

Ginástica para todas, todes e todos: por uma pedagogia da diversidade

Gymnastics for all: towards a pedagogy of diversity

Gimnasia para todas, todes y todos: hacia una pedagogía de la diversidad

Eliana Ayoub¹ 

RESUMO

Objetivo: Neste ensaio, tenho o objetivo de compartilhar reflexões acerca da ginástica para todos (GPT), aqui denominada como ginástica para todas, todes e todos, em diálogo com uma perspectiva de educação emancipatória, humanizadora, democrática e antirracista, tendo em vista uma pedagogia da diversidade. **Método:** Trata-se de um estudo bibliográfico. **Resultados e discussão:** A concepção de GPT que sustenta minhas pesquisas e docência como professora universitária, apoia-se na proposta de GPT do Grupo Ginástico Unicamp, cujo princípio metodológico fundamental consiste em potencializar as interações humanas. Experimentar nossa inteireza nas relações humanas requer, necessariamente, uma abertura intencional à diversidade de sujeitos, de corpos e de práticas, à pluralidade de culturas e à circulação de conhecimentos e saberes oriundos de diferentes grupos sociais. Requer, inevitavelmente, juntarmos-nos à luta por uma educação antirracista, por uma pedagogia da diversidade. Ênfase, portanto, a urgência de consolidarmos uma GPT que abra cada vez mais espaço para todas as pessoas, assumindo até mesmo uma linguagem de gênero mais inclusiva e abrangente em sua nomenclatura. Daí minha proposta de anunciarmos uma ginástica para todas, todes e todos, com todas, todes e todos, por todas, todes e todos. **Conclusão:** Penso que essa GPT vem sendo construída e praticada no Brasil, assim como em outros países. Entretanto, sublinho a premência de aprofundarmos nossos estudos e nossas práticas em direção ao fortalecimento de uma pedagogia da diversidade na GPT. Essa é uma responsabilidade ética, estética e política de todas, todes e todos nós que defendemos uma educação emancipatória, humanizadora, democrática e antirracista.

Palavras-chave: Ginástica para todos. Diversidade. Educação emancipatória. Educação democrática. Preconceito.

¹ Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. Laboratório de Estudos sobre Arte, Corpo e Educação - Laborarte (FE-Unicamp), Campinas, SP. Grupo de Pesquisa em Ginástica - GPG (FEF-Unicamp), Campinas-SP, Brasil.

Correspondência:

Eliana Ayoub, Faculdade de Educação. Unicamp, Rua Bertrand Russell, 801, Cidade Universitária, Campinas - SP, CEP 13083-865. Email: ayoub@unicamp.br



ABSTRACT

Objective: In this essay, I have the goal of to share reflections on GPT from studies that I have been carrying out in dialogue with a perspective of emancipatory, humanizing, democratic and anti-racist education, with a view to a pedagogy of diversity. **Methods:** This is a bibliographical study. **Results and discussion:** The conception of GPT that supports my research and teaching as a university professor, is based on the GPT proposal of Grupo Ginástico Unicamp, whose fundamental methodological principle is to enhance human interactions. Experiencing our wholeness in human relations necessarily requires an intentional openness to the diversity of people, of bodies and of practices, to the plurality of cultures and to the circulation of knowledge from different social groups. It inevitably requires us to join the fight for an anti-racist education, for a pedagogy of diversity. I therefore emphasize the urgency of consolidating a GPT that opens up more and more space for everyone, even assuming a more inclusive and comprehensive gender language in its nomenclature. Hence my proposal to announce a gymnastics for all and with all. **Conclusion:** I think that this GPT is being built and practiced in Brazil, as well as in other countries. However, I underline the urgency of deepening our studies and our practices towards strengthening a pedagogy of diversity in the GPT. This is an ethical, aesthetic and political responsibility of all of us who defend a emancipatory, humanizing, democratic and anti-racist education.

Keywords: Gymnastics for all. Diversity. Emancipatory education. Democratic education. Prejudice.

RESUMEN

Objetivo: En este ensayo, mi objetivo es compartir reflexiones sobre GPT a partir de estudios que vengo realizando en diálogo con una perspectiva de educación emancipadora, humanizadora, democrática y antirracista, con vistas a una pedagogía de la diversidad. **Método:** Se trata de un estudio bibliográfico. **Resultados y discusión:** La concepción de GPT que sustenta mis investigaciones y mi práctica como profesora universitaria, se sustenta en la propuesta de GPT del Grupo Ginástico Unicamp, cuyo principio metodológico fundamental es potencializar las interacciones humanas. Experimentar nuestra totalidad en las relaciones humanas requiere, necesariamente, una apertura intencional a la diversidad de sujetos, de cuerpos y de prácticas, a la pluralidad de culturas y a la circulación de conocimientos y saberes de diferentes grupos sociales. Requiere, inevitablemente, que nos unamos a la lucha por una educación antirracista, por una pedagogía de la diversidad. Enfatizo, por lo tanto, la urgencia de consolidar una GPT que abra cada vez más espacio para todas las personas, incluso asumiendo un lenguaje de género más inclusivo en su nomenclatura. De ahí mi propuesta de anunciar una gimnasia para todas, todes y todos, con todas, todes y todos, por todas, todes y todos. **Conclusión:** Creo que esta GPT se está construyendo y practicando en Brasil, así como en otros países. Sin embargo, subrayo la urgencia de profundizar nuestros estudios y nuestras prácticas hacia el fortalecimiento de una pedagogía de la diversidad en la GPT. Esta es una responsabilidad ética, estética y política de todas, todes y todos los que defendemos una educación emancipatoria, humanizadora, democrática y antirracista.

Palabras Clave: Gimnasia para todos. Diversidad. Educación emancipadora. Educación democrática. Prejuicio.

Neste ensaio, compartilho algumas reflexões acerca da ginástica para todos (GPT), aqui denominada ginástica para todas, todes e todos (com a utilização da mesma sigla – GPT), a partir de estudos que venho realizando em diálogo com uma perspectiva de educação emancipatória, humanizadora e democrática, como propõe Paulo Freire (1967, 1987, 1992 e 1997) e, portanto, antirracista, como anuncia Nilma Lino Gomes (2012, 2017 e 2020) em seus estudos a respeito da temática étnico-racial e de uma pedagogia da diversidade.

Tais reflexões podem ser trilhadas por diversos caminhos. O que eu escolhi foi o das minhas experiências e das minhas inquietações; minhas que são nossas, já que, de acordo com a abordagem histórico-cultural do desenvolvimento humano, cada ser humano singular se constitui na pluralidade das interações sociais, que são históricas e culturais (VIGOTSKY, 2000). Nossas visões de mundo são sempre atravessadas pelas nossas experiências que se constituem em relações plurais, diversas, contraditórias, as quais se vão entrecendo em contextos complexos e em constante processo de transformação. Sob essa ótica, nossas pesquisas e nossas escritas são obras coletivas abertas, porque são realizadas nas interações com o outro, em diferentes contextos sociais de produção de conhecimento, e, por mais que cada uma(um) de nós assine o seu texto de pesquisa, elas são construídas nas relações com o mundo, são datadas e estão sempre abertas a novos sentidos e significados.

E trago aqui inquietações que são uma escrita de uma mulher branca, atravessada pela ginástica artística, pela GPT, pela dança, pela música, na minha constituição como pessoa, como professora, como pesquisadora. Uma escrita de uma mulher branca que tem se inspirado em mulheres negras para escrever, para pesquisar, para aprender, para pensar o mundo, o corpo, a gestualidade, a educação física, a GPT, a escola, a educação, a formação docente. Uma escrita que é também experiência, vivência, “escrevivência”. E busco inspiração nesse conceito criado por Conceição Evaristo, uma das mais importantes escritoras da literatura brasileira, aproximação que se deu pelo encantamento com as provocações dessa autora negra. E como ela denuncia anunciando,

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas

pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: "a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos". (EVARISTO, 2020, p. 30).

Entendo que faço parte, historicamente, das(os) "da casa-grande"... Contudo, venho sendo "acordada dos meus sonos injustos" há um bom tempo, particularmente no momento em que ingressei na primeira turma de graduação do Curso de Educação Física da Unicamp (em 1985), depois quando me tornei professora de educação física na educação básica (em 1989) e, posteriormente, quando assumi a docência na Faculdade de Educação da Unicamp (em 1998). Entusiasmante perceber como esse movimento de despertar dos "sonos injustos" foi sendo forjado na minha trajetória profissional e ganhando cada vez mais nitidez nos últimos anos, conduzindo-me a indagações substanciais que têm se dado no encontro com outras "escrevivências".

Por isso, peço licença à Conceição Evaristo e às tantas mulheres negras escritoras que têm nos ensinado a pensar a vida com toda a amplitude, pluralidade e diversidade com que ela se manifesta, para admitir que esta minha escrita pretende ser uma "escrevivência". Nas palavras de Evaristo (2020, p. 31), "Creio que conceber escrita e vivência, escrita e existência, é amalgamar vida e arte, Escrevivência", e, no meu caso, amalgamar, sobretudo, vida e docência. E assim como escrevi a respeito de nossas pesquisas em linhas anteriores, reconheço que nossas "escrevivências" são, igualmente, obras coletivas abertas, tatuadas pelas marcas das nossas experiências vividas em diversos contextos histórico-culturais, que revelam, constantemente, o movimento dinâmico e complexo dos sentidos e significados em circulação.

Continuo, então, a minha ousadia de "escrevivência", trazendo a concepção de GPT que sustenta(sustentou) meus estudos, minhas pesquisas e minha docência como professora de educação física na educação básica (de 1989 a 1997) e como professora de universidade pública que atua na formação docente, a qual se apoia na proposta de GPT do Grupo Ginástico Unicamp (GGU) da Faculdade de Educação Física da Unicamp (criado em 1989) e que me constitui como ginasta, mulher, professora e pesquisadora. Sou uma das 18 mulheres que integraram a primeira geração do GGU, sob coordenação de Elizabeth Paoliello e Vilma Lení Nista-Piccolo, e, em seguida, de Elizabeth Paoliello e Jorge Sergio Pérez Gallardo. Em 1998, deixei de fazer parte do grupo por motivos profissionais e, desde 2013, quando foi criado o Grupo Ginástico Ânima Unicamp (GGU Ânima) sob coordenação de Giovanna Sarôa, voltei a participar dessa proposta por meio desse grupo que reúne mulheres, em sua maioria, ex-participantes do GGU como ginastas ou coordenadoras (SARÔA; PAOLIELLO; AYOUB, 2016), atualmente sob coordenação de Laurita Schiavon.²

² Para conhecer em detalhes minhas experiências no GGU e no GGU Ânima, sugiro a leitura da "Carta para Nadia Comaneci – 'Uma pirueta, duas piruetas, bravo, bravo!'" (AYOUB, 2021).

Durante esses mais de 30 anos de existência, a proposta de GPT do GGU foi se transformando, ganhando novos contornos, ampliando os seus diálogos e as suas perspectivas de ação, de acordo com as peculiaridades das GGÚnicas e dos GGÚnicos³ e, especialmente, das diferentes coordenações do grupo: Elizabeth Paoliello, Vilma Lení Nista-Piccolo, Jorge Sergio Pérez Gallardo, Eliana de Toledo, Marco Antonio Coelho Bortoleto e Larissa Graner.⁴

Tais peculiaridades da proposta podem ser conhecidas em diferentes publicações, dentre as quais menciono as seguintes: "Ginástica Geral: uma área do conhecimento da Educação Física" (SOUZA, 1997); "Ginástica geral e educação física escolar" (AYOUB, 2003);⁵ "Grupo Ginástico Unicamp: 25 anos" (PAOLIELLO *et al.*, 2014); "Grupo Ginástico Unicamp - potencializando as interações humanas" (GRANER; PAOLIELLO; BORTOLETO, 2017); e "A constituição e o processo coletivo de criação do Grupo Ginástico Unicamp pelas vozes de seus coordenadores" (SARÔA, 2017).

A proposta de GPT do GGU, que havia sido divulgada entre os anos de 1996 e 1998 em diferentes produções, foi revisada e republicada na íntegra em Paoliello *et al.* (2014, p. 30-37). Os seus princípios básicos assentam-se nas concepções de formação humana e capacitação de Maturana e Rezepka (1995), entendidas como "[...] dois fenômenos distintos que permeiam toda ação educativa" (PAOLIELLO *et al.*, 2014, p. 30). Reproduzo, a seguir, alguns pontos centrais da proposta:

- o incentivo e a valorização do indivíduo em benefício do grupo;
- o conteúdo utilizado parte das experiências individuais, socializadas a fim de servirem de base para a exploração de todo o grupo;
- a liberdade na utilização dos conteúdos da cultura corporal;
- o resgate dos valores culturais de cada grupo social;
- o prazer na atividade (ludicidade);
- a promoção da cooperação e da participação;
- a experimentação de diferentes formas de organização social;
- o estímulo à autossuperação e à criatividade;
- a possibilidade de participação de todos os membros da sociedade (criança, adultos, idosos, deficientes etc.);
- a discussão crítico-superadora das diferentes manifestações da cultura corporal que sejam utilizadas;
- o aumento da interação social;

³ GGÚnica e GGÚnico é a forma como carinhosamente nos referimos às(aos) integrantes do GGU (PAOLIELLO *et al.*, 2014, p. 53-81).

⁴ Elizabeth Paoliello e Vilma Lení Nista-Piccolo, de 1989 a 1991; Elizabeth Paoliello e Jorge Sergio Pérez Gallardo, de 1992 a 2003; Elizabeth Paoliello, em 2004; Eliana de Toledo e Elizabeth Paoliello, de 2005 a 2006; Eliana de Toledo e Marco Antonio Coelho Bortoleto, em 2006; Marco Antonio Coelho Bortoleto e Larissa Graner, de 2007 a 2017; Marco Antonio Coelho Bortoleto, de 2018 a 2019.

⁵ A denominação "ginástica geral" foi sendo gradativamente substituída por "ginástica para todos" a partir de 2006, ano em que a Federação Internacional de Ginástica (FIG) propôs essa mudança terminológica.

- a demonstração das composições como produto final do processo educativo;
- a elaboração e o respeito às normas, às regras e aos regulamentos criados pelo grupo. (PAOLIELLO *et al.*, 2014, p. 32).

Graner, Paoliello e Bortoleto (2017) retomam o processo inicial de constituição da proposta do GGU e trazem reflexões em torno das repercussões e transformações que foram acontecendo ao longo do tempo. As autoras e o autor atribuem um novo patamar para as interações humanas, ressignificando a proposta original, ao assinalar que “[...] *potencializar as interações humanas* passou a ser a metodologia utilizada pelo GGU em todos os trabalhos que envolvem o grupo [...]” (GRANER; PAOLIELLO; BORTOLETO, 2017, p. 176; grifos dos autores). Desde a organização dos treinos/encontros, envolvendo a prática da ginástica em interlocução com outros temas da cultura corporal (COLETIVO DE AUTORES, 1992) e a exploração gestual com diversos materiais, até o processo coletivo de criação das composições coreográficas, passando pelas atividades que englobam as apresentações em diferentes contextos, a realização de eventos, as viagens, o oferecimento de oficinas etc., todos os processos vividos pelo GGU têm como eixo “potencializar as interações entre as pessoas” de forma coletiva e democrática. Salientamos isso, no texto “Por uma ginástica para toda a vida” (SCHIAVON; TOLEDO; AYOUB, 2017, p. 233), ao afirmarmos que, “Dentre os trabalhos de GPT desenvolvidos no Brasil e, igualmente, em outros países, reconhecemos que a proposta de GPT do Grupo Ginástico Unicamp é extremamente inovadora no cenário da ginástica”, já que vai muito além do aprendizado técnico das práticas gímnicas, propiciando um trabalho complexo de educação em valores e de construção de um sentido de coletividade.

Ao refletirem sobre a noção de coletividade no contexto da GPT, Menegaldo (2018) e Menegaldo e Bortoleto (2018), auxiliam-nos a compreender a sua potência, uma vez que “[...] a coletividade da GPT pode representar ainda uma forma de resistência às tendências à individualização” (MENEGALDO, 2018, p. 109), atitude tão necessária para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Menegaldo e Bortoleto (2018, p. 322) ressaltam, ademais, que a dimensão da coletividade da GPT “[...] é um potencial que, ao ser desenvolvido, torna-se parte integral da prática, condição e consequência de um processo mais livre, permeável à diversidade e que exige maior respeito às diferenças de ideias e posicionamentos”.

Dessa maneira, o que a proposta de trabalho do GGU

[...] oferece é, justamente, esse exercício contínuo e paradoxal de constituição recíproca, em que cada um(uma) é convocado(a) a se comprometer, a se manifestar, a contribuir, a se posicionar e a construir, de modo coletivo e cooperativo, uma ginástica efetivamente para todos(as), com todos(as) e por todos(as). Um processo intenso, tenso e propenso a nos ensinar que vale a pena experimentarmos nossa inteireza nas relações humanas. (AYOUB, 2021, p. 279).

Enfatizo que experimentar nossa inteireza nas interações humanas requer, necessariamente, uma abertura intencional à diversidade de sujeitos, de corpos e de práticas, à pluralidade de culturas e à circulação de conhecimentos e saberes oriundos de diferentes grupos sociais. E é precisamente essa abertura que tem sido valorizada, incentivada e almejada na GPT, em especial no âmbito dessa proposta que vimos desenvolvendo há anos, na qual os processos coletivos de criação têm

[...] como alicerce o diálogo, em que cada membro pode expressar-se com liberdade, pois se busca incessantemente um espaço acolhedor em que cada um pode expor suas ideias e sentimentos. Nesse sentido, os/as integrantes assumem o papel de autores/autoras, de atores/atrizes e de diretores/diretoras, partilhando, colaborativamente, o protagonismo das ações. As tensões e contradições que frequentemente surgem são encaradas como constitutivas dos processos dialógicos e, portanto, são trabalhadas por meio de argumentos, com amorosidade, ética e estética, como nos ensina Paulo Freire [...]. (SARÔA; AYOUB, 2018, p. 429-430).

Penso que as aproximações entre a GPT e as ideias de Paulo Freire, patrono da educação brasileira, estão na gênese da proposta do GGU, embora esse autor não figure explicitamente como uma das referências nas primeiras publicações dessa proposta entre 1996 e 1998. Já em Toledo (2005; 2007), a autora traz apontamentos acerca da promoção da autonomia na GPT com base nos conceitos freireanos e na proposta do GGU e, dez anos mais tarde, no texto de Graner, Paoliello e Bortoleto (2017), que rediscute a proposta do GGU, Paulo Freire também é referenciado quando se aborda a temática da autonomia. Voltaremos a esse assunto mais adiante.

Por outro lado, identifico que tais aproximações começaram a ocorrer de modo mais explícito a partir dos meus estudos de doutorado, com a pesquisa "A ginástica geral na sociedade contemporânea: perspectivas para a educação física escolar" (AYOUB, 1998), a qual foi publicada em livro com o título "Ginástica geral e educação física escolar" (AYOUB, 2003), citado acima.

Nesses escritos, sublinho que somos seres históricos, inseridos no tempo, que nos constituímos nas relações com o mundo em constante busca por emancipação e que a autonomia "[...] é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem que estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade [...]" (FREIRE, 1997, p. 121). Defendo, em consonância com as premissas freireanas, que a aula de educação física, e a GPT (sustentada na proposta do GGU) como um dos temas da cultura corporal a ser estudado nesse componente curricular, pode se configurar como um espaço de diálogo, de exercício compartilhado de autonomia, no qual tenhamos a oportunidade de socializar nossas experiências e nossos saberes a fim de, coletivamente, tomarmos decisões que nos possibilitem

construir juntas(os) novos conhecimentos acerca do corpo, da gestualidade e das práticas corporais.⁶ Nesse sentido, reafirmo a perspectiva dialógica que pode se instaurar nas ações educativas em oposição à educação bancária denunciada por Freire em vários momentos de sua vasta obra. Para o autor, ao refletir sobre a “dialogicidade como prática da liberdade”,

[...] o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro [...]. Porque é encontro de homens que *pronunciam* o mundo, não deve ser doação do *pronunciar* de uns a outros. É um ato de criação. (FREIRE, 1987, p. 79; grifos do autor).

Conceber o diálogo como “ato de criação”, como encontro de seres humanos que “pronunciam o mundo” a “ser transformado e humanizado” (FREIRE, 1987), tem sido uma busca incessante na minha ação profissional como professora da Faculdade de Educação da Unicamp que atua na formação docente, assim como foi quando eu era professora de educação física na educação básica. E, na esfera da formação de professoras(es), tenho desenvolvido um trabalho com a GPT na disciplina obrigatória “Educação, corpo e arte” do Curso de Pedagogia,⁷ além de outros contextos de formação docente inicial e continuada, o qual pode ser conhecido em algumas das minhas produções (AYOUB, 2008; AYOUB *et al.*, 2011; AYOUB, 2012; AYOUB; GRANER, 2013; MATSUMOTO; AYOUB, 2016; AYOUB; STRAZZACAPPA, 2016; AYOUB, 2021).

Os diálogos com os pressupostos de Freire nas relações com a GPT vêm se intensificando ao longo dos anos, tanto na proposta do GGU, como em outros contextos, conforme podemos reconhecer em alguns estudos.

Na pesquisa de Sarôa (2017), na qual a autora entrevistou as coordenadoras e os coordenadores do Grupo Ginástico Unicamp, Eliana de Toledo, que foi coordenadora do grupo de 2005 a 2006, ressaltou, em seu depoimento, que uma de suas contribuições no desenvolvimento do seu trabalho com o GGU “[...] foi inculcar nessa proposta os preceitos da pedagogia da autonomia de Paulo Freire” (SARÔA, 2017, p. 59). Essa coordenadora pondera que buscava proporcionar maior autonomia para as decisões do grupo: “Eu compartilhava mais com o grupo essas decisões, como escolha de coreografias, de vestimentas, de músicas, mas especialmente acerca dos rumos do GGU”

⁶ Utilizo o termo “práticas corporais” com base em Silva e Damiani (2005, p. 24), as quais consideram que “Esta expressão mostra adequadamente o sentido de construção cultural e linguagem presentes nas diferentes formas de expressão corporal”.

⁷ “Educação, corpo e arte” (EP158) é uma disciplina de caráter teórico-prático, que “[...] objetiva introduzir o(a) aluno(a) em diferentes linguagens corporais e/ou artísticas nas suas relações com o processo educacional, tanto no âmbito da instituição escolar (com ênfase na Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental), como no contexto de outros espaços educativos” (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, 2023).

(SARÔA, 2017, p. 59). Em duas publicações de Toledo (2005 e 2007), referenciadas anteriormente, ela aborda, de forma mais específica, essa dimensão da autonomia vivenciada na GPT em diálogo com o livro "Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa" (FREIRE, 1997). Destaco que, como criadora e coordenadora do Laboratório de Pesquisas e Experiências em Ginástica (LAPEGI) da Faculdade de Ciências Aplicadas da Unicamp (fundado em 2013), Eliana de Toledo continua adensando suas práticas educativas, investigativas e de orientação tomando como base as premissas freireanas.

No artigo "Estudos e experiências sobre a Ginástica para Todos e Paulo Freire" de Toledo (2020), podemos compreender, de modo mais profundo, a proximidade da GPT com as ideias desse educador pernambucano, sobretudo em trabalhos que se relacionam com a perspectiva pedagógica da GPT. A autora realizou uma pesquisa bibliográfica na qual analisou nove edições dos Anais do Fórum Internacional de Ginástica para Todos (FIGPT),⁸ disponíveis em formato eletrônico no site oficial do evento (FORUMGPT, 2022).

Toledo (2020) traçou um consistente panorama das produções que apresentam ligações entre a GPT e Paulo Freire, constatando que há um destaque para citações do livro "Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa" (FREIRE, 1997). Ela assinala que os termos relativos ao ideário freireano mais recorrentes nessas produções foram "[...] aqueles relacionados à autonomia, consciência crítica, diálogo, mudança e ética. Termos que possuem relações estreitas com as propostas teóricas da GPT" (TOLEDO, 2020, p. 57-58). Concordo plenamente que tais expressões interligam-se diretamente com as proposições que vimos defendendo na GPT.

Por fim, Toledo (2020, p. 58) efetua uma importante ponderação:

[...] almejo que os(as) pesquisadores(as) e profissionais revisitem esse compromisso com este grande pedagogo e filósofo, não somente em suas produções, mas em suas respectivas atuações pedagógicas diariamente, nos mais adversos contextos de ensino formal e não formal. Assim, estudar como esse contato com as obras do autor ocorreu e quais foram os motivos pelos quais estes(as) autores(as) escolheram-nas como referências, seria uma

⁸ O FIGPT, realizado numa parceria entre a Unicamp e o Sesc São Paulo desde 2001, tem se caracterizado como um evento de referência na área da ginástica. Eu tenho participado da comissão organizadora do Fórum desde 1999, quando realizamos a sua primeira versão ainda como Fórum Brasileiro de Ginástica Geral. A nomenclatura Fórum Internacional de Ginástica Geral foi adotada até o ano de 2014. A partir de 2016, passou a ser denominado Fórum Internacional de Ginástica para Todos. Em 2022, o FIGPT completou a sua décima edição com o tema "Ressignificar caminhos: coletivos em movimento", comemorando mais de 20 anos de existência. Elizabeth Paoliello, que é uma das criadoras do evento e vem atuando na sua organização ao longo de todos esses anos, no ensaio intitulado "Fórum Internacional de Ginástica para Todos: 20 anos" (PAOLIELLO, 2022), publicado neste dossiê da revista Conexões, traz relevantes aspectos históricos acerca da constituição do Fórum, reiterando o seu papel como lócus privilegiado de socialização de experiências e conhecimentos a respeito da GPT em âmbito nacional e internacional.

proposta futura interessante para melhor adensar a compreensão sobre as relações entre a GPT e as propostas de Paulo Freire. [...] Pois essa é a defesa que fazemos da GPT, que ela siga consonante com as propostas deste grande pedagogo, numa perspectiva dialógica, reflexiva e crítica, rumo a uma práxis pedagógica transformadora para todos(as) os(as) envolvidos(as).

Novamente, explico minha concordância com as reflexões da autora e reforço nosso compromisso ético e estético com o desenvolvimento de uma GPT cada vez mais “dialógica, reflexiva e crítica”. Por outro lado, sinto-me instigada com a indicação de que sejam realizados novos estudos que adensem a compreensão das relações entre a GPT e as concepções de Paulo Freire.

Nessa direção, aponto a pesquisa de Lopes (2020), na qual a autora se dedicou a analisar as potencialidades da pedagogia freireana no desenvolvimento do seu trabalho junto ao Grupo de Ginástica de Diamantina (GGD), um projeto de extensão vinculado à Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Ela conclui a investigação afirmando que “A pedagogia freiriana é um referencial teórico-metodológico nacional que contribui sobremaneira para promover a formação humanizadora na GPT, principalmente quando se compreende que o ato educativo não se separa do ato político” (LOPES, 2020, p. 260).

Para reafirmar que todo ato educativo se configura como um ato político, recorro a Kohan (2019), em seu livro “Paulo Freire, mais do que nunca: uma biografia filosófica”, o qual nos auxilia a pensar na “politicidade” da educação, compreendida como “[...] uma política que diz respeito ao modo de exercer o poder de educar e educar-se” (KOHAN, 2019, p. 32). Nesse sentido, a educação carrega consigo a responsabilidade de tornar-se “[...] um espaço de vida, igualdade, amor, errância e infância” (KOHAN, 2019, p. 32), princípios freireanos fundamentais acerca dos quais o autor tece importantes reflexões que aludem à dimensão política, humanizadora e libertadora da educação, cujo eixo de sustentação para Paulo Freire é o diálogo, o debate ético e amoroso. Como ele mesmo destaca, “A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa”. (FREIRE, 1967, p. 97).

Considero que a perspectiva de educação dialógica, reflexiva, humanizadora, crítica, emancipatória, política e democrática na GPT, que tem sido defendida por várias(os) de nós com grande entusiasmo, interliga-se a um movimento mais amplo de interlocução com a obra de Paulo Freire que vem sendo entretido, especialmente, no campo da educação física escolar brasileira nas últimas décadas, no qual diversos(as) profissionais e autores(as) da área têm pautado suas práticas e pesquisas nas concepções freireanas.

Como exemplos, reporto-me, inicialmente, ao livro de Elenor Kunz,

intitulado “Educação física: Ensino & mudanças” (KUNZ, 1991), cujas elaborações estão alicerçadas na pedagogia de Paulo Freire, constituindo a chamada abordagem crítico-emancipatória, que se localiza na esfera das teorias progressistas da educação física (BRACHT, 1999) e que apresenta uma vasta produção reunindo diferentes autores(as). Menciono, também, dois livros publicados mais recentemente que nos permitem conhecer essas potentes interlocuções: “Educação física escolar e Paulo Freire: ações e reflexões em tempos de chumbo” (SOUSA; NOGUEIRA; MALDONADO, 2019) e “Freireando há 100 anos: o encontro com a educação física escolar” (MEIRELES *et al.*, 2021).

Faço, ainda, uma observação para salientar que, no ano de comemoração do centenário de Paulo Freire (em 2021), foram inúmeras as homenagens que ele recebeu, não somente em diferentes cantos do Brasil como em outros países, segundo noticiou a Empresa Brasil de Comunicação (2021). E o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) uniu-se a esses tributos, criando a “Sala Paulo Freire” por ocasião do XXII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte / IX Congresso Internacional de Ciências do Esporte (XXII Conbrace/ IX Conice 2021) realizado em Belo Horizonte-MG (de forma híbrida), com o tema “Educação Física e Ciências do Esporte no tempo presente: defender vidas, afirmar as ciências”. Nilma Lino Gomes, professora emérita da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), uma defensora das ideias de Paulo Freire, fez a conferência de abertura do congresso.⁹ Retomarei as reflexões dessa autora mais à frente. Por ora, compartilho as palavras dedicadas ao nosso patrono:

A Sala Paulo Freire é nossa homenagem a este homem. E com ele, homenagem a todas as mulheres e a todos os homens em suas travessias, com seus sonhos, suas aprendizagens, suas experiências, seus conhecimentos, envolvidas/os com a construção das ciências vivas, de uma educação engajada, de uma Educação Física encarnada, sempre em defesa da Vida, de todas as Vidas. De afirmação de nosso compromisso político com a permanente invenção de uma sociedade justa, fraterna, igualitária. De renovação de nosso respeito a todas as culturas dos povos brasileiros. De inabalável defesa da escola pública e da educação como direito de todos/as e como prática da liberdade. (CONBRACE, 2021).

Tendo em vista as experiências que me constituem, assim como as inquietações e indagações que me atravessam como a integrante do GGU (que fui) e a do GGU Ânima (que sou), como a professora de educação física na educação básica (que fui) e a professora de universidade pública que atua na formação docente (que sou), venho me juntar a essas pessoas que têm pautado seus estudos e suas práticas no pensamento freireano, com o entusiasmo a que se refere bell hooks em seus diálogos com Freire, “O entusiasmo que é gerado pelo esforço coletivo” (HOOKS, 2013, p. 18); venho me unir a essas pessoas que

⁹ A Cerimônia de Abertura do Conbrace / Conice 2021 pode ser acessada em: <https://www.youtube.com/watch?v=djQ4cQFdEE>.

assumem o “compromisso político com a permanente invenção de uma sociedade justa, fraterna, igualitária”, na qual a educação é concebida “como direito de todos/as” e “como prática da liberdade”; venho me ligar a essas pessoas que lutam cotidianamente por uma “educação engajada”, por uma “educação física encarnada, sempre em defesa da vida, de todas as vidas”. E como afirma Kohen (2019, p. 81), em relação ao princípio freireano da igualdade,

[...] em termos do que pode uma vida, todas as vidas são iguais; todas as vidas têm igual potência de vida; não há vida superior a outra vida, dentro ou fora de uma sala de aula, dentro ou fora de qualquer espaço educativo. Uma educação política parte do princípio de que todas as vidas valem igualmente e são igualmente capazes de colocar em questão a vida individual e social. (KOHAN, 2019, p. 81).

A proposição de uma educação política que parta “do princípio de que todas as vidas valem igualmente” nos direciona rumo a uma pedagogia da diversidade, como defende Nilma Lino Gomes no seu livro “O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação” (GOMES, 2017). A autora, citando Paulo Freire, enfatiza que, “Na *pedagogia da diversidade*, a educação é vista como prática de liberdade, como um ato de amor, um ato político e, por isso, um ato de coragem [...]” (GOMES, 2017, p. 136; grifo da autora). Ela nos auxilia, ainda, a apreender que

[...] é no contexto da *pedagogia da diversidade* que o estudo dos saberes emancipatórios construídos, sistematizados e articulados pelo Movimento Negro pode ser contemplado. Esse estudo nos dá elementos para conhecer e destacar outras racionalidades que produzem outros conhecimentos construídos através de uma vinculação estreita entre a razão, os sentimentos, o desejo, os conflitos, as vivências, as lutas e as práticas sociais e o ato de aprender. [...]. A *pedagogia da diversidade* é uma *pedagogia da emancipação*. (GOMES, 2017, p. 136; grifos da autora).

Reitero, à luz dessas considerações, que uma pedagogia da diversidade exige, necessariamente, a assunção de uma educação antirracista, a qual está intimamente ligada aos pressupostos freireanos que estão sendo discutidos ao longo deste ensaio.

E Gomes (2012), apoiando-se nas reflexões de Boaventura de Sousa Santos sobre o “pensamento abissal e pós-abissal” e a “ecologia dos saberes”,¹⁰ ao evidenciar a potência do Movimento Negro brasileiro como ator político, ensina-nos que uma das características desse movimento no tocante à questão étnico-racial tem sido ocupar o seu espaço para existir: “Se a lógica do pensamento abissal é tornar os Outros inexistentes e inferiores, a lógica desses

¹⁰ Para aprofundar essas temáticas desenvolvidas por Boaventura de Sousa Santos, sugiro a leitura da obra “O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul” (SANTOS, 2021).

Outros é conquistar o seu lugar de existência” (GOMES, 2012, p. 733). A autora esclarece que, ao convocar o debate do racismo estrutural “[...] para a cena pública e indagar as políticas públicas e seu compromisso com a superação das desigualdades raciais, este movimento social ressignifica e politiza a raça, dando-lhe um trato emancipatório e não inferiorizante” (GOMES, 2012, p. 733).

A pedagogia da diversidade como uma pedagogia da emancipação caracteriza-se, portanto, como uma possibilidade de subversão dessas lógicas sociais e culturais instituídas historicamente que oprimem, segregam, desumanizam, exterminam... Lógicas que se referem a todas, todes e todos nós, pois têm a ver com a condição humana de existir em toda a sua plenitude de possibilidades, nas relações com o outro que nos constituem - princípio da alteridade.¹¹

No tecido das relações sociais, a produção cultural do corpo assume papel central, uma vez que “território construído por liberdades e interdições, e revelador de sociedades inteiras, o corpo é a primeira forma de visibilidade humana” (SOARES, 2001, p. 1). Em sua visibilidade na presença do outro que nos constitui, vamos experimentando múltiplos processos educativos de uma “educação do corpo” (SOARES, 2014), em que atitudes de preconceito, discriminação e racismo vão se estabelecendo e se fortalecendo contra aqueles “corpos” que não aludem à norma, ou seja, ao corpo branco. Djamila Ribeiro, num diálogo com Grada Kilomba, traz significativas contribuições para refletirmos sobre esse assunto, inclusive a respeito da falácia do “racismo reverso”: “racismo é uma problemática branca”, diz Kilomba (RIBEIRO, 2018, p. 111). A própria autora, em seu livro “Memórias da plantação” (KILOMBA, 2019, p. 75; grifos da autora), aborda esse tema, alertando que

No racismo estão presentes, de modo simultâneo, três características: a primeira é a *construção de/da diferença*. A pessoa é vista como “diferente” devido a sua origem racial e/ou pertença religiosa. Aqui, temos de perguntar: quem é “diferente” de quem? É o *sujeito negro* “diferente” do *sujeito branco* ou o contrário, é o *branco* “diferente” do *negro*? Só se torna “diferente” porque se “difere” de um grupo que tem o poder de se definir como norma – a norma branca. Todas/os aquelas/es que não são brancas/os são construídas/os então como “diferentes”. A branquitude é construída como ponto de referência a partir do qual todas/os as/os “*Outras/os*” raciais “diferem”. Nesse sentido, não se é “diferente”, torna-se “diferente” por meio do processo de discriminação.

¹¹ Na abordagem histórico-cultural do desenvolvimento humano, tanto para Lev Vigotski como para Mikhail Bakhtin e Valentin Volóchinov, a categoria do “outro” assume uma dimensão central. Para Vigotski (2000, p. 24), “Através dos outros constituímos-nos”. Para Bakhtin e Volóchinov, em seus estudos da linguagem, “Toda compreensão é dialógica” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 232) e “[...] a categoria do *outro* - o princípio da alteridade - e de *signo/palavra* - o princípio dialógico - proposto por Bakhtin parece delinear o drama da textura social, o *locus* da constituição do sujeito” (SMOLKA; GÓES; PINO, 1998, p. 157; grifos das autoras e do autor).

Nessa trama perniciososa, na qual a diferença está amalgamada às relações de poder, “corpo e cabelo como símbolos da identidade negra”, subtítulo do livro de Gomes (2020), expressam beleza e resistência. No prefácio da obra, Kabengele Munanga ressalta que “O cabelo é analisado, na obra da Profa. Nilma Lino Gomes, não apenas como parte do corpo individual e biológico, mas, sobretudo, como corpo social e linguagem: como veículo de expressão e como símbolo de resistência cultural” (MUNANGA, 2020, p. 24). Nas palavras da própria autora,

Na realidade, o problema não está no cabelo em si nem na sua textura, mas nas representações coletivas negativas construídas em torno do negro no contexto da cultura e das relações raciais brasileiras. O cabelo crespo na sociedade brasileira funciona como uma linguagem e, conquanto tal, ele comunica e informa sobre as relações raciais. (GOMES, 2020, p. 352).

Estamos diante de relações raciais que incidem diretamente sobre os corpos negros, que, conforme explicitarei acima, segregam, discriminam, violentam e matam a população negra. E todas(es)(os) nós, principalmente as pessoas brancas “da casa-grande” (EVARISTO, 2020), temos urgentemente de encarar a nossa responsabilidade de nos juntarmos à luta pela erradicação do racismo estrutural e dos preconceitos, das opressões e segregações dele decorrentes. Em seu “Pequeno manual antirracista”, Ribeiro (2019) faz um apelo para que “sejamos todos antirracistas”: “Pessoas brancas devem se responsabilizar criticamente pelo sistema de opressão que as privilegia historicamente produzindo desigualdades, e pessoas negras podem se conscientizar dos processos históricos para não reproduzi-los” (RIBEIRO, 2019, p. 108). E, como vimos, o Movimento Negro tem muito a nos ensinar nessa caminhada, mesmo com as suas tensões e contradições, as quais estão presentes em todas as esferas da vida humana.

Assim, a defesa de uma educação emancipatória, humanizadora e democrática passa inevitavelmente pela assunção de uma educação antirracista e por uma pedagogia da diversidade, como foi explanado antes, intencionalmente aberta à multiplicidade de sujeitos, de corpos e de práticas, à pluralidade de culturas e à circulação de saberes e conhecimentos advindos de distintos grupos sociais. Esse é, sem dúvida, um compromisso ético, estético e político de todas(es)(os) nós educadoras(es) que nos inspiramos nos ensinamentos de Paulo Freire. E insisto para que estejamos juntas(es)(os) nessa cruzada, apoiando-nos mutuamente e alimentando com esperança “a convicção de que a mudança é possível” - um dos “saberes necessários à prática educativa” anunciado por Freire (1997, p. 88): “mudar é difícil, mas é possível”.

Meu convite é para nos juntarmos, efetivamente, na luta por uma educação antirracista, por uma educação física antirracista, por uma GPT antirracista, tendo em vista que, ao assumirmos tal compromisso, precisaremos encontrar

coletivamente caminhos para o enfrentamento dos desafios e tensões que constituem a busca por uma educação dialógica, crítica, emancipatória, humanizadora e democrática. Estou certa de que ainda temos muito a aprender para atingir a radicalidade (no sentido de ir à raiz) de nossas ações no mundo em sintonia com os preceitos dessa educação.

E faço coro com as pesquisas e os trabalhos que vêm sendo realizados nessa direção. No campo da educação física, menciono o livro "Mulheres negras professoras de educação física" (VENÂNCIO; NOBREGA, 2020) e o artigo "Por uma educação física antirracista" (NOBREGA, 2020), os quais nos ajudam a compreender a presença de professoras negras nas aulas de educação física, bem como as suas histórias e trajetórias profissionais e acadêmicas, amalgamadas pelas relações de gênero e étnico-raciais. Conhecer esses percursos reitera a dimensão política que Santana (2015) enuncia no seu livro "Quando me descobri negra". Ao lembrar da "saúde do que poderia ter vivido" com o seu pai, ela reforça: "[...] contar a minha história era também um ato político" (SANTANA, 2015, p. 19).

Ainda na esfera da educação física escolar, referencio o artigo "Uma polifonia da Educação Física para o dia que nascerá: sonhar mais, crer no improvável, desejar coisas bonitas que não existem e alargar fronteiras" (VAGO, 2022), em que o autor nos invita a "alargar fronteiras" e a "confrontar opressões":

A polifonia de uma Educação Física com fronteiras alargadas e permanentemente abertas se traduz e se expressa também em um imperativo ético, inescapável à condição docente: produzir, na formação e na atuação, uma Educação Física antirracista e decolonial; antidemofóbica; antimachista; antimisógina; antissexista, antihomofóbica; anticapacitista; antietarista, confrontando as opressões presentes nas práticas sociais, na escola e na própria Educação Física. (VAGO, 2022, p. 22).

Retomando a "dialogicidade como prática da liberdade" (FREIRE, 1987), o que temos "pronunciado" na GPT? Como "ato de criação" humana, quais são os espaços criados para diálogos mais amplos, que estejam afinados com uma pedagogia da diversidade, que valorizem "[...] os saberes ancestrais e contemporâneos dos povos originários, dos povos afro-ameríndios, dos povos latino-americanos, dos povos do campo e os saberes produzidos em espaços diversos das cidades" (VAGO, 2022, p. 4)? Minha intenção com essas indagações é provocar, mobilizar discussões que nos convoquem a pensar numa GPT emancipatória, humanizadora, democrática, "[...] antirracista e decolonial; antidemofóbica; antimachista; antimisógina; antissexista, antihomofóbica; anticapacitista; antietarista [...]" (VAGO, 2022, p. 22), dentre tantas outras formas de opressão e desumanização.

Felizmente, estamos juntas(es)(os) nessas inquietações. Cito, a seguir,

alguns estudos que discutem essas temáticas na relação com a GPT, de uma forma geral, e, de modo mais específico, com os processos coletivos de criação das composições coreográficas. As duas primeiras publicações estão mais relacionadas à decolonialidade e as outras três a questões étnico-raciais e pluralidade cultural: "Pensamento pedagógico decolonial e a ginástica: diálogos iniciais" (ALMEIDA *et al.*, 2021); "Ginástica para todos e identidade amazônica: caminhos à decolonialidade" (CORRÊA; SOARES; CARBINATTO, 2022); "Ginástica para todos e pluralidade cultural: movimentos para criar novos pensamentos" (FÁTIMA; UGAYA, 2016); "A ginástica para todos e a Bahia que não se vê" (ANTUALPA *et al.*, 2021); e "A ginástica para todos é realmente para todos? Aspectos sócio-político-culturais da representatividade negra" (ANTUALPA *et al.*, 2022).

Com base nas reflexões explicitadas neste ensaio, enfatizo a urgência de, com o entusiasmo de que fala hooks (2013), "ensaiarmos" a consolidação de uma GPT que abra cada vez mais espaço para todas as pessoas, assumindo até mesmo uma linguagem de gênero mais inclusiva e abrangente em sua nomenclatura. Daí minha proposta de anunciarmos uma ginástica para todas, todes e todos, com todas, todes e todos, por todas, todes e todos. Lembrando que valorizarmos uma GPT aberta a uma pedagogia da diversidade caracteriza-se como uma escolha política, ética, estética, amorosa e a favor de "todas as vidas".

Penso que essa GPT já vem sendo construída e praticada no Brasil, do mesmo modo que em outros países, como podemos constatar nas produções citadas previamente e em outras que têm circulado em diferentes contextos, assim como nos eventos regionais, nacionais e internacionais realizados mundo afora, nas lives e nos webinários¹² que se intensificaram a partir de 2020 com a chegada da pandemia da Covid-19, entre outras significativas ações.

O próprio Fórum Internacional de Ginástica Para Todos é um dos espaços que vem mostrando a diversidade e amplitude de possibilidades dessa prática corporal nos três eixos que compõem a sua programação: científico, pedagógico e artístico (PAOLIELLO, 2022). O tema central do FIGPT 2022 foi "Ressignificar caminhos: coletivos em movimento". Sublinho que, a temática da conferência de abertura do evento, que foi proferida por Angela Brêtas, dialogou diretamente com as proposituras deste ensaio, conforme enunciado na sua ementa: "[...] ainda há muito o que ser feito para que essa prática corporal seja verdadeiramente para

¹² Como exemplo, menciono a palestra "Ginástica e cultura negra", que fez parte do "I Seminário integrado de ensino-pesquisa-extensão: A ginástica na formação de professores e na escola: contribuições da abordagem Crítico-Superadora", ministrada por José Anchieta e Josiane Clímaco, com a mediação de Joelma Albuquerque. Esse evento, que ocorreu no dia 20/05/2021 e está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=SG75aCnXIIM>, foi uma iniciativa do Grupo LEPEL/UFAL (Linha de Estudo e Pesquisa em Educação Física & Esporte e Lazer da Universidade Federal de Alagoas – Campus Arapiraca), em parceria com a Rede LEPEL de Grupos de Pesquisa e com o Pibid Educação Física.

todas as pessoas. Nesse sentido, para iniciarmos o debate, cabe uma questão fundamental: é possível pensar em uma GPT antirracista?" (FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA PARA TODOS, 2022, p. 42).

No entanto, reitero a premência de aprofundarmos nossos estudos, nossas pesquisas e nossas práticas em direção ao fortalecimento de uma pedagogia da diversidade na GPT. Essa é, sem dúvida, uma responsabilidade ética, estética e política de todas, todas e todos nós que defendemos uma educação emancipatória, humanizadora, democrática, antirracista e que acreditamos na potência da coletividade na GPT para a invenção de "inéditos-viáveis". O "inédito-viável"¹³ é uma categoria freireana que tem a ver com a "[...] compreensão da história como possibilidade, da qual decorre uma posição utópica que opõe-se à visão fatalista da realidade. Relaciona-se ao entendimento de que a realidade não é, mas está sendo e, portanto, pode ser transformada" (FREITAS, 2005, p. 5-6).

Aproximando-me da conclusão deste texto, prossigo com a certeza de que a "história como possibilidade" consiste num ato político que abre horizontes para a contação de histórias outras, pois sabemos do "perigo de uma história única", como alerta Adichie (2019, p. 32): "As histórias foram usadas para espolar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada". E como insiste Vago (2022, p. 18),

É mesmo tempo de outras histórias: nenhum argumento sustentará doravante o silêncio, a ausência, o apagamento dessas tantas culturas. A história passada-presente-futura exige: confrontar o racismo e o epistemicídio que empobrecem o nosso trabalho de formação cultural dos sujeitos da Educação Física. [e eu acrescento, da GPT e de tantas outras áreas de conhecimento].

E volto aos ensinamentos de Paulo Freire, para imaginarmos histórias que possam "empoderar e humanizar", "reparar dignidades despedaçadas". Nas palavras de Kohan (2019, p. 160), "Eis a força principal do pensamento educacional de Paulo Freire, seu valor político principal: a história não está terminada; percebendo o mundo como é, percebe-se, também, que o mundo poderia ser de muitas outras maneiras".

Nesse sentido, Vago (2022, p. 24) nos impulsiona a perceber que "Aqui estamos, nessa permanente travessia em busca do improvável... Não aceitemos o fato consumado: a história (nela, a Educação Física) está aberta para o dia que nascerá".

¹³ No livro "Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido" (FREIRE, 1992, p. 205-207), Ana Maria Freire elabora uma nota explicativa a respeito do "inédito-viável", destacando que é uma das categorias mais importantes e provocativas da "pedagogia do oprimido".

Finalizo esta minha “escrevivência” com uma provocação: “nessa permanente travessia em busca do improvável”, quais histórias queremos e podemos contar com a ginástica para todas, todes e todos “nos dias que nascerão”?

AGRADECIMENTOS

Agradecimento à pesquisadora Eliana de Toledo pelo incentivo à escrita deste ensaio e pelas suas contribuições.

NOTAS

CONFLITOS DE INTERESSE

A autora não tem conflitos de interesse, incluindo interesses financeiros específicos e relacionamentos e afiliações relevantes ao tema ou materiais discutidos no manuscrito.

AUTORIA

A autoria é responsável pelos conteúdos do texto.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA, Camila das Mercês Duarte; MOTA, Kaio César Celli; NASCIMENTO, Iracema Santos do; CARBINATTO, Michelle Viviene. Pensamento pedagógico decolonial e a ginástica: diálogos iniciais. *Coleção Pesquisa em Educação Física*, v. 20, n. 4, p. 85-93, out. 2021.

ANTUALPA, Kizzy Fernandes; SANTOS, Emilena Sousa dos; LIMA, Letícia Bartholomeu de Queiroz; NASCIMENTO, Vitória Lima. A ginástica para todos e a Bahia que não se vê. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 33, p. 1-18, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/81117/47210>. Acesso em: 09 set. 2022.

ANTUALPA, Kizzy Fernandes; SANTOS, Emilena Sousa dos; SOUZA, Ianny Caroline Melo de; LIMA, Letícia Bartholomeu de Queiroz. A ginástica para todos é realmente para todos? Aspectos sócio-político-culturais da representatividade negra. *Revista Didática Sistêmica*, v. 24, n. 1, p. 19-31, 2022. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/redsis/article/view/13911/9819>. Acesso em: 09 set. 2022.

AYOUB, Eliana. *A ginástica geral na sociedade contemporânea: perspectivas para a educação física escolar*. 1998. 186 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/134310>. Acesso em: 09 set. 2022.

AYOUB, Eliana. *Ginástica geral e educação física escolar*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

AYOUB, Eliana. Ginástica Geral na formação em Pedagogia. In: PAOLIELLO, Elizabeth. (Org.). *Ginástica Geral: experiências e reflexões*. São Paulo: Phorte, 2008. p. 37-54.

AYOUB, Eliana. Gestos, cartas, experiências compartilhadas. *Leitura: Teoria & Prática* (suplemento), Campinas, n. 58, p. 274-283, jun. 2012.

AYOUB, Eliana. *Memórias da educação física na escola: cartas de professoras*. Campinas: Pontes Editores, 2021. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=110907&opt=1>. Acesso em: 09 set. 2022.

AYOUB, Eliana; CEZARONI, Ieda Maria; REZENDE, Marilda Aparecida; PANTAROTTO, Marilise Deltreggia; SILVA, Paula Cristina da Costa; ANJOS, Roselene dos. Fios tecidos a muitas mãos: sobre educação física escolar e formação de professoras. In: ALBANO, Ana Angélica; STRAZZACAPPA, Márcia. (Orgs.). *Entrelugares do corpo e da arte*. Campinas: Faculdade de Educação/Unicamp, 2011. p. 81-100.

AYOUB, Eliana; GRANER, Larissa. Transformando poema em gesto, corda em estrela, conduíte em flor... In: TOLEDO, Eliana de; SILVA, Paula Cristina da Costa. (Orgs.). *Democratizando o ensino da ginástica: estudos e exemplos de sua implementação em diferentes contextos sociais*. Várzea Paulista: Fontoura, 2013. p. 23-48.

AYOUB, Eliana; STRAZZACAPPA, Márcia. Gestão, currículo e cultura - arte e educação física na escola: diálogo com gestores. In: MAZZA, Débora. (Org.). *Relação entre a universidade pública e a rede municipal de educação: uma experiência formativa*. Curitiba: Appris Editora, 2016. p. 107-120.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. *Cadernos Cedes*, Campinas, ano XIX, n. 48, p. 69-88, ago. 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ccedes/v19n48/v1948a05.pdf>. Acesso em: 09 set. 2022.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.

CONBRACE. *Sala Paulo Freire*. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2021. Disponível em: <http://conbrace.org.br/exposicao/>. Acesso em: 09 set. 2022.

CORRÊA, Lionela da Silva; SOARES, Artemis de Araújo; CARBINATTO, Michele Viviene. Ginástica para todos e identidade amazônica: caminhos à decolonialidade. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 60, p. 27-46, 2022. Disponível em: <http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/viewFile/10432/47968355>. Acesso em: 09 set. 2022.

EMPRESA BRASIL DE COMUNICAÇÃO. *Diversos eventos pelo mundo comemoram o centenário de Paulo Freire*. Brasília: EBC, 2021. Disponível em: <https://radios.ebc.com.br/tarde-nacional/2021/09/diversos-eventos-pelo-mundo-comemoram-centenario-de-paulo-freire>. Acesso em: 09 set. 2022.

EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. (Orgs.). *Escrivivência: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-46.

FÁTIMA, Conceição Viana de; UGAYA, Andresa de Souza. Ginástica para todos e pluralidade cultural: movimentos para criar novos pensamentos. *In: OLIVEIRA, Michelle Ferreira de; TOLEDO, Eliana de. (Orgs.). Ginástica para todos: possibilidades de formação e intervenção.* Anápolis: Editora UEG, 2016. p. 141-154.

FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA PARA TODOS, 10., 2022, Campinas. *Anais...* Campinas, SP: FEF/UNICAMP, Limeira, SP: FCA/UNICAMP, São Paulo, SP: SESC, 2022. v. 1. Disponível em: <https://www.forumgpt.com/2022/arquivos/anais/10-forum-internacional-de-gpt-2022.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2022.

FORUMGPT. *Anais. FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA PARA TODOS, 2022.* Disponível em: <https://www.forumgpt.com/2022/anais>. Acesso em: 20 dez. 2022.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido.* 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.* 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.* 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Pedagogia do inédito-viável: contribuições de Paulo Freire para fortalecer o potencial emancipatório das relações ensinar-aprender-pesquisar. *In: COLÓQUIO INTERNACIONAL PAULO FREIRE, 5., 2005, Recife. Anais...* Recife, 2005. v. 1, p. 1-15.

GOMES, Nilma Lino. Movimento negro e educação: ressignificando e politizando a raça. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 33, n. 120, p. 727-744, jul./set. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/wQQ8dbKRR3MNZDJKp5cfZ4M/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 set. 2022.

GOMES, Nilma Lino. *O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação.* Petrópolis: Vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.* 3. ed. rev. amp.; 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

GRANER, Larissa; PAOLIELLO, Elizabeth; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Grupo Ginástico Unicamp – potencializando as interações humanas. *In: BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; PAOLIELLO, Elizabeth. (Orgs.). Ginástica para Todos: um encontro com a coletividade.* Campinas: Editora da Unicamp, 2017. p. 165-198.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.* São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano.* Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KOHAN, Walter. *Paulo Freire, mais do que nunca: uma biografia filosófica.* Belo Horizonte: Vestígio, 2019.

KUNZ, Elenor. *Educação física: Ensino & mudanças.* Ijuí: Unijuí, 1991.

LOPES, Priscila. "A gente abre a mente de uma forma extraordinária": potencialidades da

pedagogia freiriana no desenvolvimento da Ginástica Para Todos. 2020. 286 f. Tese (Doutorado em Ciência) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em:

https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/39/39136/tde-13052021-142814/publico/Priscila_Regina_Lopes_corrigida.pdf. Acesso em: 09 set. 2022.

MATSUMOTO, Marina Hisa; AYOUB, Eliana. Ginástica Geral na escola: uma proposta para todos. In: MIRANDA, Rita de Cássia F.; EHRENBERG, Mônica C.; BRATIFISCHE, Sandra Ap. (Orgs.). *Temas emergentes em ginástica para todos*. Várzea Paulista: Fontoura, 2016. p. 103-122.

MATURANA, Humberto; REZEPKA, Sima Nisis de. *Formación humana y capacitación*. Santiago: Dolmen, 1995.

MEIRELES, Bruno Freitas; MALDONADO, Daniel Teixeira; PRODÓCIMO, Elaine; FREIRE, Elisabete dos Santos; BOSSLE, Fabiano; FARIAS, Uirá de Siqueira; NOGUEIRA, Valdilene Aline. (Orgs.). *Freireando há 100 anos: o encontro com a educação física escolar*. Curitiba: CRV, 2021.

MENEGALDO, Fernanda Raffi. *Ginástica para Todos: por uma noção de coletividade*. 2018. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018. Disponível em:

<http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/1005441>. Acesso em: 09 set. 2022.

MENEGALDO, Fernanda; BORTOLETO, Marco. Ginástica para Todos: primeiras reflexões sobre uma prática coletiva. *Revista da ALESDE*, v. 9, n. 4, p. 313-325, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/alesde/article/view/64042/37751>. Acesso em: 09 set. 2022.

MUNANGA, Kabengele. Prefácio à terceira edição. In: GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. 3. ed. rev. amp.; 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 17-25.

NOBREGA, Carolina Cristina dos Santos. Por uma educação física antirracista. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 34, n. Esp., p. 51-61, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbef/article/view/173145>. Acesso em: 09 set. 2022.

PAOLIELLO, Elizabeth. Fórum Internacional de Ginástica para Todos: 20 anos. *Conexões*, Campinas, v. 20, e022030, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/conex.v20i00.8671694>.

PAOLIELLO, Elizabeth; TOLEDO, Eliana de; AYOUB, Eliana; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; GRANER, Larissa. *Grupo Ginástico Unicamp: 25 anos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTANA, Bianca. *Quando me descobri negra*. São Paulo: SESI-SP editora, 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SARÔA, Giovanna. *A constituição e o processo coletivo de criação do Grupo Ginástico Unicamp pelas vozes de seus coordenadores*. 2017. 164 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas,

2017. Disponível em: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2017.990717>. Acesso em: 09 set. 2022.

SARÔA, Giovanna; AYOUB, Eliana. A constituição e o processo coletivo de criação do Grupo Ginástico Unicamp pelas vozes de seus coordenadores. *Conexões*, Campinas, SP, v. 16, n. 4, p. 414-432, out./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8653984/18870>. Acesso em: 09 set. 2022.

SARÔA, Giovanna; PAOLIELLO, Elizabeth; AYOUB, Eliana. Grupo Ginástico Ânima Unicamp. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA PARA TODOS, 8., 2016, Campinas. *Anais...* Campinas, SP: FEF/UNICAMP: SESC, 2016. v. 1, p. 157-159. Disponível em: <https://www.forumgpt.com/2022/arquivos/anais/08-forum-internacional-de-ginastica-geral-2016.pdf>. Acesso em: 09 set. 2022.

SCHIAVON, Laurita Marconi; TOLEDO, Eliana de; AYOUB, Eliana. Por uma ginástica para toda a vida. In: GALATTI, Larissa Rafaela; SCAGLIA, Alcides José; MONTAGNER, Paulo Cesar; PAES, Roberto Rodrigues. (Orgs.). *Múltiplos cenários da prática esportiva: pedagogia do esporte*. v. 2. Campinas: Editora da Unicamp, 2017. p. 215-245.

SILVA, Ana Márcia; DAMIANI, Iara Regina. Práticas corporais na contemporaneidade: pressupostos de um campo de pesquisa e intervenção. In: SILVA, Ana Márcia; DAMIANI, Iara Regina. (Orgs.). *Práticas corporais: gênese de um movimento investigativo em educação física*. v. 1. Florianópolis: Nauembla Ciência & Arte, 2005. p. 17-27.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante; GÓES, Maria Cecília Rafael de; PINO, Angel. A constituição do sujeito: uma questão recorrente? In: WERTSCH, James V.; DEL RÍO, Pablo; ALVAREZ, Amélia. (Orgs.). *Estudos socioculturais da mente*. Porto Alegre: ArtMed, 1998. p. 143-158.

SOARES, Carmen Lúcia. Apresentação. In: SOARES, Carmen Lúcia. (Org.). *Corpo e história*. Campinas: Autores Associados, 2001. p. 1.

SOARES, Carmen Lúcia. Educação do corpo. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. (Orgs.). *Dicionário Crítico de Educação Física*. 3 ed. revisada e ampliada. Ijuí: Ed. Unijuí, 2014. p. 219-225.

SOUSA, Claudio Aparecido de; NOGUEIRA, Valdilene Aline; MALDONADO, Daniel Teixeira. (Orgs.). *Educação física escolar e Paulo Freire: ações e reflexões em tempos de chumbo*. Curitiba: CRV, 2019.

SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado de. *Ginástica Geral: uma área do conhecimento da Educação Física*. 1997. 163 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/114431>. Acesso em: 19 dez. 2022.

TOLEDO, Eliana de. A ginástica geral e a pedagogia da autonomia. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA GERAL, 3., 2005, Campinas. *Anais...* Campinas: SESC: UNICAMP/FEF, 2005. v. 1, p. 73-76. Disponível em: <https://www.forumgpt.com/2022/arquivos/anais/03-forum-internacional-de-ginastica-geral-2005.pdf>. Acesso em: 09 set. 2022.

TOLEDO, Eliana de. A promoção da autonomia na ginástica geral: estudos, experiências e reflexões. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA GERAL, 4., 2007, Campinas. *Anais...* Campinas, SP: Faculdade de Educação Física, UNICAMP, 2007. v. 1, p. 111-114. Disponível em: <https://www.forumgpt.com/2022/arquivos/anais/04-forum-internacional-de-ginastica-geral-2007.pdf>. Acesso em: 09 set. 2022.

TOLEDO, Eliana de. Estudos e experiências sobre a ginástica para todos e Paulo Freire. *Corpoconsciência*, v. 24, n. 3, p. 47-62, 2020.

Disponível em:

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/10984>.

Acesso em: 09 set. 2022.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. *Site oficial da Diretoria Acadêmica da Unicamp*. Catálogo dos Cursos de Graduação – UNICAMP – 2023. Disciplinas EP. Campinas: Unicamp, 2023. Disponível em:

<https://www.dac.unicamp.br/sistemas/catalogos/grad/catalogo2023/disciplinas/ep.html>.

Acesso em: 06 jan. 2023.

VAGO, Tarcísio Mauro. Uma polifonia da Educação Física para o dia que nascerá: sonhar mais, crer no improvável, desejar coisas bonitas que não existem e alargar fronteiras.

Pensar a Prática, v. 25, p. 1-26, 2022. Disponível em:

<https://revistas.ufg.br/fef/article/view/70754>. Acesso em: 09 set. 2022.

VENÂNCIO, Luciana; NOBREGA, Carolina Cristina dos Santos. (Orgs.). *Mulheres negras: professoras de educação física*. Curitiba: CRV, 2020.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. Lev S. Vigotski: Manuscrito de 1929. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 21, n. 71, p. 21-44, jul. 2000. Disponível em:

<https://www.scielo.br/pdf/es/v21n71/a02v2171.pdf>. Acesso em: 09 set. 2022.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Editora 34, 2017.

Recebido em: 19 dez. 2022

Aprovado em: 09 jan. 2023

Artigo submetido ao sistema de similaridade Turnitin®.

A revista **Conexões** utiliza a [Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), preservando assim, a integridade dos artigos em ambiente de acesso aberto.

A Revista Conexões é integrante do Portal de Periódicos Eletrônicos da Unicamp e associado/membro das seguintes instituições:

